

DE AMOSSE MUCAVELE

MEDO

Ao Ademir Assunção

(alavanco a minha memória na hóstia do tempo, e atiro os átomos do meu apetite para silenciar a atmosfera da minha insegurança, percorro vezes sem conta no íntimo das estradas que não dormem na cegueira desta cidade nua de árvores e pedras. enxergo o meu projecto adulterado pela febre da lua cheia de insónia.

TESÃO

Á Suraya Tamele

Faço de mim um depósito de orgasmos sem idades, uma cidade que se ergue no átrio do tempo, traço na parede de um sentimento por uma mulher. Uma linha horizontal que se alonga até ao rio do meu prazer. Encontro nos afluentes do poço que cresce em posição vertical, o túnel para a minha bem adocicada ejaculação.

ENERGIA SOLAR

As lâmpadas eoliográficas acendem o medo do sol no chão torto pelo sopro das ventoinhas voadoras. (isso) enquanto ardem as montanhas pela força do curto circuito da energia das nuvens, que por infindáveis vezes tentam sem sucesso parar o revólver do vento. A (o) pá continua a atar circunferências do ar na geografia do espaço desértico, onde a radiação solar semeia-se em épocas de seca, cujo o regime predominante é o da rotação das culturas , guarda-se em ruínas da gramática existencialista das palavras como: congelador, televisão, gerador, colhe-se no vociferar agudo da noite, e. Nós com a caneta olhamos o distante florescer do fogo da pedra que cintila nas ondulações do oásis, e. Aqui não há espaço vazio para frotas de água turva.

NEWYORK

Ao Richard Bona

Há cidades onde as noites roubam os barcos pendurados nas árvores dos turistas.

ATRAVessar O SILÊNCIO

Ao Cláudio Daniel

A memória é um inferno provisório onde os nossos dias visitam constantemente . na penumbra de um mar de esquecimento ladeado de flores que brilham ao som do silêncio. E ao entardecer. A neve embarca no murmúrio da água que bate nas pálpebras das pedras na solene viagem do nada. E para além do sal derramado nas margens, não via-se mais nada, pois o cinzento abocanhou a melancolia do céu que outrora fora azul. E difícil é, descortinar este lado invisível da distância que nos assiste. A ilha que nos espera é feita de papel que baloiça livremente nos olhos do mar. Mil e uma visões espalhadas no útero do passado, uma música embalada de presentes toca incansavelmente na febre do navio - onde é minha casa? E no colo do futuro procuraremos acender as nossas identidades com o anzol que perdeu-se nas ondas da tempestade.

CABO VERDE

Ao Corsino Fortes

Uma PRAIA estende-se nos ramos de uma seringa que ondula nas veias encharcadas de mel, sob a alçada de um corpo derretendo-se na ressaca de um vulcão. O mar corre as pressas em rebuliço levando consigo na bagagem as cinzas do FOGO arrancado dos edifícios do ar que pé(lo) lago proporciona-nos uma BOAVISTA. de um jardim que não é jardim, que das pedras planta montanhas como uma tília diante de um paraíso de rosas.

E quando a lâmina entra em cena, a montanha recorta-se em graus de Ilhas. E a mesma lâmina quando conquista o espaço do mar, é fenomenal o quão as gaivotas com as suas asas de Vénus. Sobrevoam extraordinariamente a paisagem totalmente coberta de nuvens de SAL. E triste é a BRAVA primavera do desassossego que assola e corta o Arquipélago em pedaços de terra que trazem notícias do mar.

AMOSSE MUCAVELE (MOÇAMBIQUE) – Escritor. Membro fundador do Movimento Literário Kuphaluxa, no qual coordena a equipe editorial da Revista Literatas-Revista de Literatura Moçambicana e Lusófona. É colaborador do Pavilhão Literário singrando horizontes, Academia de Letras de Paraná, Jornal Coruja, Revista Eisfluencias e outras. Organizou a antologia da nova poesia moçambicana para a Revista Zunai.